

O SISTEMA V2 PARCIAL DO PORTUGUÊS CLÁSSICO

EL SISTEMA V2 PARCIAL DEL PORTUGUÉS CLÁSICO

THE PARTIAL V2 SYSTEM OF CLASSICAL PORTUGUESE

André Antonelli*

Universidade Estadual de Maringá

RESUMO: Neste trabalho, investigamos a natureza do fenômeno V2 parcial do português clássico. Essa fase linguística licencia construções de inversão do sujeito que sugerem ter havido movimento do verbo para o sistema CP, tal como em línguas V2. No entanto, ao contrário de uma gramática V2 padrão, o português clássico também permite que o verbo finito não apareça obrigatoriamente em segunda posição linear. Aqui, com base na proposta cartográfica de Rizzi (1997) para a periferia da sentença, apresentamos evidências de que o português clássico instancia movimento do verbo para Fin⁰, o mesmo núcleo para onde é alçado o verbo em línguas V2 prototípicas (HAEGEMAN, 1996; MOHR, 2004; ROBERTS, 2004). Mostramos que a diferença substancial do português clássico em relação a uma língua V2 se reduz à presença ou não de um traço EPP no núcleo Fin⁰: sistemas V2 apresentariam esse traço, ao passo que o português clássico careceria dessa propriedade.

PALAVRAS-CHAVE: Periferia. Movimento do verbo. EPP.

RESUMEN: En este trabajo investigamos la naturaleza del fenómeno V2 parcial del portugués clásico. Esta fase lingüística posibilita construcciones de inversión del sujeto que sugieren que hubo movimiento del verbo para el sistema CP, como en lenguas V2. Sin embargo, a diferencia de una gramática V2 estándar, el portugués clásico también permite que el verbo finito no aparezca obligatoriamente en segunda posición lineal. Aquí, con base en la propuesta cartográfica de Rizzi (1997) para la periferia de la sentencia, presentamos evidencias de que el portugués clásico instancia movimiento del verbo para Fin⁰, el mismo núcleo a donde se alza el verbo en lenguas V2 prototípicas (HAEGEMAN, 1996; MOHR, 2004; ROBERTS, 2004). Demostramos que la diferencia sustancial entre el portugués clásico y una lengua V2 se reduce a la presencia o no de un rasgo EPP en el núcleo Fin⁰: los sistemas V2 presentarían este rasgo, mientras que el portugués clásico carecería de dicha propiedad.

PALABRAS CLAVE: Periferia. Movimiento del verbo. EPP.

ABSTRACT: In this paper we investigate the nature of the partial V2 system of Classical Portuguese. This linguistic period licenses structures with subject inversion, thus suggesting the occurrence of verb movement to the CP system, just like in V2 languages. However, differently from a strict V2 grammar, Classical Portuguese also allows non-V2 linear word orders. Here, based on the

* Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Adjunto da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: alantonelli@uem.br.

left periphery proposed by Rizzi (1997), we give evidence that Classical Portuguese shows verb movement to Fin^0 , the same head where the verb is moved to in prototypical V2 languages (HAEGEMAN, 1996; MOHR, 2004; ROBERTS, 2004). We argue that the substantial difference between Classical Portuguese and V2 languages is reduced to the presence or not of an EPP feature in Fin^0 : V2 systems present this feature, while Classical Portuguese would not show it.

KEYWORDS: Periphery. Verb movement. EPP.

1 INTRODUÇÃO¹

Dentro de uma perspectiva gerativista, muito se tem discutido se as línguas românicas, em estágios passados, manifestaram algum tipo de efeito V2 comparável ao que é observado em línguas como o holandês e o alemão (cf., entre muitos outros, ADAMS, 1987; FONTANA, 1993; RINKE, 2009; ROBERTS, 1993; SALVI, 2001). Um caso bastante interessante é o português clássico (doravante PCl).² Por um lado, o PCl licencia construções de inversão do sujeito que sugerem ter o verbo finito se movido para a periferia da sentença, tal como em línguas V2. Por outro lado, ao contrário do que se observa em um sistema V2 padrão, o PCl permite que o verbo finito não apareça obrigatoriamente em segunda posição linear, ou por licenciar orações com o verbo em posição inicial (V1) ou por legitimar sentenças com mais de um XP em posição pré-verbal (>V2). Neste artigo, nosso objetivo central é apresentar uma análise que explique esse comportamento misto do PCl em relação a línguas V2 típicas. A partir da proposta cartográfica de Rizzi (1997) para a periferia à esquerda da oração, nossa hipótese é a de que o PCl manifesta movimento do verbo para Fin^0 , o mesmo núcleo para onde é alçado o verbo em línguas como o holandês e o alemão (cf. HAEGEMAN, 1996; MOHR, 2004; ROBERTS, 2004). Mostraremos que a diferença substancial do PCl em relação a uma língua V2 prototípica se reduz à presença ou não de um traço EPP no núcleo Fin^0 : línguas como o holandês e o alemão apresentariam esse traço, ao passo que o PCl careceria dessa propriedade.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma. Na seção 2, apresentamos uma visão geral do que seja a propriedade V2, apontando em que aspectos o PCl se aproxima e se distancia das línguas que manifestam esse fenômeno. Na seção 3, introduzimos o conceito de periferia da sentença cindida, reinterpretando a restrição V2 a partir dessa nova visão do sistema CP. Na seção 4, explicamos a natureza V2 parcial do PCl, mostrando que a ausência de um traço EPP em Fin^0 explicaria as particularidades dessa fase linguística. Na seção 5, discutimos o exemplo do árabe, que se comporta exatamente como o PCl. Por fim, na seção 6, fazemos algumas considerações finais.

2 O CARÁTER MISTO DO PCL

O fenômeno V2, tal como observado no contexto das orações declarativas matrizes de línguas como o holandês, apresenta, em termos descritivos, duas propriedades distintivas: i) verbo finito precedido por apenas um XP, como mostra o contraste entre (1) e (2); e ii) não-obrigatoriedade de que o XP pré-verbal seja o sujeito (cf. (1b) e (1c)), o que, em razão da primeira característica listada, resulta no licenciamento da ordem de palavras verbo-sujeito (VS) (HAEGEMAN, 1996, p. 139-140).

- (1) a. Marie **zal** morgen dit boek kopen.
 Maria vai amanhã este livro comprar
 ‘Maria vai comprar este livro amanhã.’
 b. Morgen **zal** Marie dit boek kopen.
 c. Dit boek **zal** Marie morgen kopen.

¹ Este artigo é uma versão condensada e revisada de partes dos capítulos 1, 2 e 4 de Antonelli (2011).

² A noção de PCl que assumimos aqui é a de um período gramatical na história do português europeu que se estende do século XIV ao fim do XVII, podendo ser considerado uma fase intermediária no eixo do tempo entre o português antigo e o português europeu moderno (GALVES; NAMIUTI; PAIXÃO DE SOUSA, 2006).

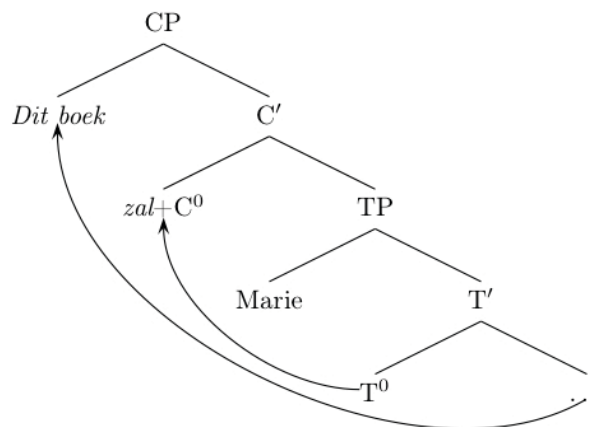
- (2) *Morgen dat boek **zal** Marie kopen.

Se assumirmos uma estrutura oracional minimalista tal como apresentada em (3) (CHOMSKY, 1995 e trabalhos subsequentes), as duas características de línguas V2 mencionadas acima podem ser formalmente interpretadas como o resultado de movimento do verbo finito de T⁰ para C⁰ e de frenteamento de algum XP para [Spec,CP], como em geral se propõe dentro da tradição gerativista (DEN BESTEN, 1983). Partindo da hipótese de que adjunção à categoria CP não é possível em línguas V2, esse tipo de análise deriva satisfatoriamente o fato de se ter o verbo em segunda posição, já que haveria apenas uma posição acima de C⁰ disponível para o deslocamento de qualquer tipo de sintagma. Um aspecto adicional interessante é que, dentro dessa proposta, tem-se uma explicação para os casos de sequência VS, dado que, nessa ordem de palavras específica, o verbo estaria hierarquicamente acima da posição do sujeito gramatical no domínio de flexão (isto é, [Spec,TP]). Em (4), apresentamos uma representação simplificada da ordem V2 com inversão do sujeito exemplificada em (1c).³

(3)

[_{CP} ... C⁰ [_{TP} ... T⁰ [_{VP} ... v⁰ [_{VP} ... V⁰ ...]]]]

(4)



A partir dos textos do PCl que investigamos,⁴ foi possível atestar ordens de palavras que, descritivamente, são similares às encontradas em holandeses, como se vê em (5).

- (5) a. O Imperador **recebeo** a mãe, o Patriarca, e os Portuguezes muito bem, (Céu)
 b. elle **disse** as graves penas que padecia, (Céu)
 c. Ali **ficaram** os Hespanhoes comendo alguns mantimentos que tinham, (Céu)
 d. Assim **guardava** a alta Providência do céu aquela vida, (Barros)

³ O efeito V2 é muito mais complexo do que apresentamos nesta seção. De fato, existem dois tipos de línguas V2: aquelas que admitem o verbo em segunda posição apenas em orações matrizes (alemão e holandês, por exemplo), usualmente chamadas de línguas V2 assimétricas, e aquelas que manifestam a restrição V2 tanto em orações matrizes quanto em orações subordinadas (iídiche e islandês, por exemplo), usualmente denominadas de línguas V2 simétricas. Para as línguas V2 assimétricas, a análise padrão é a que apresentamos no texto, isto é, movimento do verbo para C⁰ e frenteamento de algum XP para [Spec,CP]. Para as línguas V2 simétricas, certos trabalhos defendem que, tanto em orações matrizes quanto em orações subordinadas, o verbo se move para um núcleo abaixo de C⁰, T⁰, com o constituinte pré-verbal sendo alçado para [Spec,TP], dado que esse especificador seria uma posição A-barra (DIESING, 1990; SANTORINI, 1995). Dentro dessa perspectiva, a presença de um complementizador em orações subordinadas não impediria o licenciamento da ordem V2. Aqui, no entanto, seguiremos os resultados de Schwartz e Vikner (1996), que apresentam uma série de evidências em favor da hipótese de que línguas V2 simétricas também envolvem o sistema CP.

⁴ Os dados do PCl que iremos apresentar no decorrer do artigo são extraídos de três textos cujos autores nasceram em Portugal no século XVII: *Cartas*, de António Vieira (1608-1697); *Vida e Morte de Madre Helena da Cruz*, de Maria do Céu (1658-1753); e *A Vida do Padre António Vieira*, de André de Barros (1675-1754). A escolha por autores nascidos no século XVII decorre do fato de que, neste período específico do PCl, tem-se uma gramática relativamente estabilizada (PAIXÃO DE SOUSA, 2004), permitindo-nos, portanto, ter uma visão mais adequada dessa fase gramatical em questão. Todo esse material faz parte do *Corpus Tycho Brahe* (CTB), um corpus histórico do português disponível em formato eletrônico e de livre acesso (GALVES; ANDRADE; FARIA, 2017).

- e. O fim da minha jornada **verá** Vossa Excelência pelas cartas de Sua Majestade que remete a Vossa Excelência o Residente, (Vieira)
- f. Notavel informação **deu** este Espirito em poucas palavras. (Céu)

Os exemplos em (5) mostram não apenas construções com verbo em segunda posição, mas também orações em que o XP inicial pode ser um constituinte de diferentes funções sintáticas (o sujeito em (5a) e (5b), um advérbio em (5c) e (5d) e o objeto direto em (5e) e (5f)). Note-se que, em (5c)-(5f), a presença de um advérbio ou do objeto direto parece desencadear a sequência linear VS, tal como num sistema gramatical V2. Em vista dessa semelhança, poderíamos nos perguntar se, em termos de formalização, o PCl seria um sistema gramatical V2, isto é, uma gramática que instancia movimento do verbo finito para C⁰ e fronteamto de algum XP para [Spec,CP].⁵

Uma forte evidência de que o PCl licenciava movimento sistemático do verbo para o domínio de CP em orações declarativas matrizes, como em línguas V2, vem de construções designadas de inversão germânica, isto é, estruturas sintáticas em que um sujeito posposto ocorre entre um verbo auxiliar e o verbo principal. O inglês, como se vê no exemplo em (6), apresenta esse tipo de construção em orações interrogativas.

- (6) What **has** Mary **said**?
 o que tem Maria dito
 ‘O que a Maria disse?’

Bastante interessante é o fato de que o tipo de inversão acima atestado no inglês era possível no contexto de orações declarativas matrizes do PCl. Como os dados a seguir mostram, em cada um dos exemplos o sujeito ocorre entre o verbo auxiliar e o verbo principal, tal como em inglês.

- (7) a. A este tempo **estava** [Dom Christovão] **curando**-se em casa da Rainha; (Céu)
 b. e sôbre isto mesmo **havia** [eu] **falado** com Luís Hiens, (Vieira)

Usualmente, o padrão de inversão germânica que se vê nas interrogativas do Inglês é analisado como um caso de movimento do verbo finito para C⁰ (cf., entre outros, PESETSKY; TORREGO, 2001; RIZZI, 1996; RIZZI; ROBERTS, 1996). Tendo em vista o fato de ser possível esse tipo de construção nas orações declarativas matrizes do PCl, nada mais natural do que pensar que, nesse contexto, a gramática desse período do português também licenciava alçamento do verbo finito para a periferia da sentença, o que evidenciaria, no que diz respeito à sintaxe de posição do verbo, uma semelhança formal com línguas V2.⁶

Entretanto, embora se possa dizer que, à semelhança de uma língua V2, o PCl manifestava movimento do verbo para a periferia da sentença,⁷ a gramática desse período do português não obriga necessariamente a presença de um e tão somente um XP em posição pré-verbal. Por exemplo, os dados que analisamos mostram que, em orações declarativas matrizes, são atestadas sentenças V1, como é possível observar em (8).

- (8) a. e **ficou** ElRei de Portugal pondo (como lá dizem) as linhas de sua casa. (Céu)

⁵ Esta é a análise que Ribeiro (1995) propõe para o português antigo.

⁶ É importante destacar que a ordem linear VS, por si só, não é um argumento a favor da hipótese de movimento do verbo para o domínio de CP. Em italiano, por exemplo, tem-se o que é usualmente designado de inversão românica, em que o sujeito posposto, diferentemente da inversão germânica, aparece após todo o complexo verbal (isto é, verbo auxiliar mais verbo principal), como ilustra o dado em (i).

(i) **Ha parlato** Gianni.
 tem falado João
 ‘João falou.’

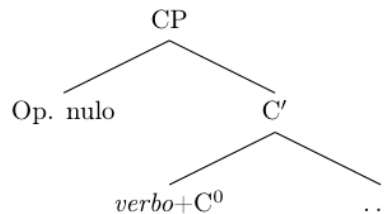
Belletti (2001) assume que o padrão linear VS do italiano consiste em estruturas nas quais o verbo flexionado permanece no domínio de TP, com o sujeito posposto ocupando uma posição mais baixa na periferia de VP.

⁷ Para outras evidências de que o PCl licenciava movimento sistemático do verbo para o sistema CP em orações matrizes, ver Antonelli (2011).

- b. **havia** esta Religiosa professado de Fevereyro, e falecido a dezoito do Abril seguinte, (Céu)
 c. **Tinha** ele conquistado naquela Quaresma principalmente as almas dos Portugueses; (Barros)

Todos os exemplos em (8) são casos de inversão germânica, o que sugere ter havido movimento do verbo para a periferia da sentença. No entanto, o problema evidente desses dados com verbo inicial é que eles não satisfazem o requerimento de línguas V2 determinando que [Spec,CP] seja preenchido por um XP. Uma forma de resolver tal impasse seria admitindo a presença de um operador nulo no especificador de CP, como esquematizado em (9).

(9)



A ideia de que, em orações V1, haja um operador nulo em posição pré-verbal é a que defende Roberts (1993), por exemplo, para os casos de aparente ordem V1 em línguas V2 rígidas. Um desses casos são as orações interrogativas sim/não, como exemplificado em (10) e (11) com dados do alemão e do holandês, respectivamente.

- (10) Hat Johann das Buch gelesen?
 tem João o livro lido
 ‘O João leu o livro?’

- (11) Kommt je broer nog?
 vem seu irmão ainda?
 ‘Seu irmão ainda está vindo?’

No âmbito das orações declarativas matrizes do PCL, assumir a presença de um operador nulo em sentenças V1 coloca-nos diante de um problema de opcionalidade: o requerimento de sistemas V2 determinando a presença de algum material em [Spec,CP] seria satisfeito ora por um XP foneticamente realizado ora por um operador nulo. Como se sabe, em línguas V2 típicas como o holandês e o alemão, a questão da opcionalidade em orações declarativas matrizes não se coloca, dado que a ordem V1 não é licenciada nesse contexto, o que enfraquece esse tipo de proposta em relação ao PCL.

Porém, mesmo que viéssemos a assumir a presença de um operador nulo em sentenças V1, ainda assim teríamos pela frente o problema das sequências com mais de um XP em posição pré-verbal (V>2), como exemplificado em (12).

- (12) a. [Finalmente], [muito mais] nos **tomaram** os holandeses nos mares do Brasil, (Vieira)
 b. [Em fim], [como quer que seja], **ficou** Halehan conquistando tôda a Pérsia, Arabia, Suria, Palestina, e outras Províncias, (Céu)

Com relação aos exemplos em (12), tem-se um problema oposto ao das sentenças V1. Nesse caso, o desafio não é a ausência de um constituinte em [Spec,CP], mas sim a presença de um número de elementos maior do que a disponibilidade de posições na periferia da sentença.

Em vista do que discutimos até agora, podemos concluir essa seção dizendo que, das duas operações que assumimos ocorrer no sistema CP de línguas V2, isto é, movimento de V para C⁰ e preenchimento de [Spec,CP] por um XP qualquer, o PCL parece manifestar obrigatoriamente apenas a primeira delas. Assim, a questão que naturalmente se coloca é: apesar de sempre apresentar movimento do verbo para o sistema CP em orações matrizes, por que, ao contrário de línguas V2 estritas, o PCL não obedece à restrição linear determinando que um XP e apenas um obrigatoriamente preceda o verbo finito? No que se segue, procuraremos

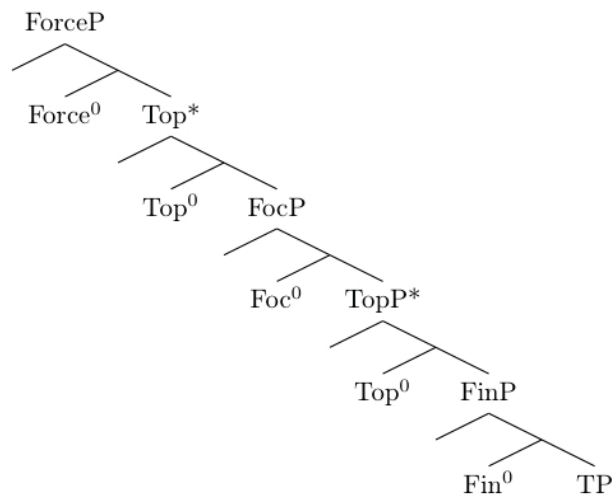
responder a essa pergunta seguindo de perto a proposta cartográfica de Rizzi (1997) para a periferia da sentença e a análise de Roberts (2004) para a derivação da ordem linear V2.

3 CP CINDIDO E DERIVAÇÃO DA ORDEM V2

3.1 A PROPOSTA DE RIZZI (1997) PARA O SISTEMA CP

Investigando aspectos relativos à periferia da sentença, Rizzi (1997) defende uma cisão para a categoria funcional CP. Em sua proposta, a periferia à esquerda da oração teria uma estrutura como a apresentada em (13).

(13)



Em (13), há quatro projeções distintas, cada uma delas com um importe estrutural ou semântico/pragmático específico. ForceP e FinP seriam responsáveis por colocar o sistema CP em relação com a estrutura superior e inferior, respectivamente. Em relação a TopP e FocP, a função dessas categorias seria expressar, respectivamente, informações do tipo tópico (-comentário) e foco (-pressuposição).

A motivação teórica para a existência de ForceP e FinP, a primeira na extremidade superior e a segunda na extremidade inferior da periferia da oração, está relacionada ao fato de que um dos papéis do sistema CP é entrar em relação tanto com a estrutura acima da sentença (isto é, uma oração superior ou, no caso de sentenças matrizes, a articulação do discurso) como também com a estrutura abaixo de C⁰ (isto é, o conteúdo proposicional expresso por TP). No caso do primeiro tipo de relação, sabe-se, por exemplo, que complementizadores expressam o fato de que uma oração é declarativa, interrogativa etc., e, como tais, podem ser selecionados por um constituinte acima deles. Para Rizzi, informação dessa natureza é codificada no núcleo de ForceP. Quanto ao segundo tipo de relação estabelecida no sistema CP, trata-se de uma observação tradicional o fato de que a escolha do complementizador reflete determinadas propriedades do sistema verbal da sentença. O Inglês é um típico exemplo dessa conexão, dado que o complementizador *that*, “que”, co-ocorre com um verbo finito, ao passo que o complementizador *for*, “para”, está associado a um verbo na forma infinitiva. Na proposta de Rizzi, essas informações relativas à finitude da sentença são expressas na periferia da sentença por meio do núcleo de FinP.

Em termos empíricos, um tipo de evidência a favor da existência de ForceP e FinP pode ser obtido comparando-se línguas como o português e o irlandês no que diz respeito à ordem linear de complementizadores em relação a sintagmas adverbiais sentenciais.⁸ Em português, estes últimos ocorrem necessariamente à direita do complementizador *que*, como atesta o exemplo a seguir:

⁸ Situação similar é observada comparando-se o inglês e o irlandês (ROBERTS, 2004).

- (14) a. O João disse **que** [ontem] a menina vendeu os livros.
 b. *O João disse [ontem] **que** a menina vendeu os livros.⁹

Em irlandês, por sua vez, McCloskey (1996) aponta que advérbios sentenciais necessariamente precedem o complementizador *go*, como evidencia o exemplo (15).

- (15) Is dóiche [faoi chean cúpla lá] **go** bhféadfaí imeacht.
 é provável [ao final de alguns dias] que poderia sair
 ‘É provável que dentro de alguns dias seria possível sair.’

Dado que complementizadores como *que* em português e *go* em irlandês marcam simultaneamente que uma oração é declarativa e que é finita, nada mais natural do que pensar que, dentro da proposta cartográfica de Rizzi, esses elementos encontram-se associados aos núcleos Force⁰ e Fin⁰. Ante a hipótese de que, trans-linguisticamente, possa haver diferenças quanto à posição onde o complementizador é realizado foneticamente (isto é, Force⁰ ou Fin⁰), a assimetria observada em relação à ordem linear de sintagmas adverbiais poderia ser explicada argumentando-se que, em português, o complementizador *que* sai do núcleo de FinP para o núcleo de ForceP na própria sintaxe visível. Dado que esse último núcleo está estruturalmente acima das eventuais posições de tópico do sistema CP onde os advérbios poderiam estar localizados, a consequência natural é que a ordem de palavras *complementizador-advérbio* é necessariamente desencadeada, como mostra (14a). Com relação ao irlandês, por sua vez, poderíamos admitir que o complementizador é realizado visivelmente em Fin⁰, isto é, estruturalmente abaixo das projeções de tópico. Consequentemente, a ordem *advérbio-complementizador* seria desencadeada, como realmente confirma o exemplo (15). No caso dessa língua, Fin⁰ não seria atraído para Force⁰ na sintaxe visível. Essa proposta para a diferença entre o português e o irlandês é esquematizada em (16).

- (16) [_{ForceP} [_{Force} *que*] ... [_{TopP} Adv ... [_{FinP} [_{Fin} *go*] [_{TP} ...]]]]

Além dessas relações de seleção entre o sistema CP e os sistemas estruturais superior e inferior, outras funções independentes de restrições de seleção também podem ser expressas na periferia da sentença, tais como as noções discursivas de tópico (-comentário) e foco (-pressuposição). Na proposta de Rizzi, a codificação de tais noções também envolveria uma relação especificador-núcleo no sistema CP, e não a criação de uma estrutura de adjunção: tópicos ocupariam o especificador de uma das possíveis projeções de tópico, ao passo que constituintes focalizados ocupariam [Spec,FocP].¹⁰ É importante observar, porém, que, para Rizzi, as categorias TopP e FocP são projetadas na estrutura da oração apenas se necessárias, isto é, unicamente se houver um determinado elemento especificado com traços de tópico ou foco, já que tal elemento precisará que esse tipo de traço seja checado dentro de uma relação especificador-núcleo na categoria apropriada da periferia da oração.

Quanto às evidências para a ordem estrutural de FocP em relação às categorias de tópico, Rizzi apresenta os dados do italiano elencados em (17).¹¹

⁹ Tanto em (14a) quanto em (14b), o advérbio deve ser interpretado como um modificador da oração introduzida pelo complementizador. O mesmo se aplica para o exemplo (15) do irlandês.

¹⁰ Como observa Mioto (2001), a hipótese de que o sistema CP engloba TopP e FocP permite fazer algumas predições que não estariam diretamente disponíveis numa abordagem que envolvesse adjunção. Uma delas tem a ver com a impossibilidade de topicalizar expressões quantificadas, como se vê em (i) com exemplos do PB.

- (i) *Tudo, o João comprou (ele) na feira.
 (ii) *Nenhum velho, o João respeita (ele).

Mioto argumenta que a agramaticalidade das orações acima pode ser derivada das restrições impostas por Top⁰ com relação ao tipo de elemento habilitado para ocupar o seu especificador: um operador quantificacional, por exemplo, seria intrinsecamente incompatível com essa posição. Num modelo que dispusesse apenas de adjunção, não é óbvio como um determinado elemento seria impedido de estar em adjunção na periferia da sentença.

¹¹ Ao longo do texto, constituintes focalizados serão indicados com o uso de letras maiúsculas.

- (17) a. Credo che a Gianni, QUESTO, domani, gli dovremmo dire
 Top Foc Top TP
 ‘Acredito que a Gianni, ISTO, amanhã nós devemos lhe dizer.’
- b. Credo che domani, QUESTO, a Gianni, gli dovremmo dire
 Top Foc Top TP
- c. Credo che domani, a Gianni, QUESTO gli dovremmo dire
 Top Top Foc TP
- d. Credo che a Gianni, domani, QUESTO gli dovremmo dire
 Top Top Foc TP
- e. Credo che QUESTO, a Gianni, domani, gli dovremmo dire
 Foc Top Top TP
- f. Credo che QUESTO, domani, a Gianni, gli dovremmo dire
 Foc Top Top TP

Como se vê nos exemplos acima, uma sequência de tópicos pode ser seguida por um constituinte focalizado, que, por sua vez, pode ser seguido por uma sequência de tópicos. Tendo em vista que se pode ter apenas um foco na periferia da sentença (cf. (18) logo abaixo), em contraposição à propriedade de recursividade de tópicos, o fato de um elemento com a função discursiva de foco poder ser precedido e seguido por uma sequência de tópicos evidencia que a projeção FocP encontra-se hierarquicamente entre projeções TopP.¹²

- (18) *A GIANNI IL LIBRO darò (non a Piero, l'articolo)
 A GIANNI O LIVRO darei (não a Piero, o artigo)

3.2 A ORDEM V2 NA PERIFERIA CARTOGRÁFICA

Se admitirmos que o sistema CP cindido é uma característica de todas as línguas,¹³ a derivação do efeito V2, como apresentado na seção 2, por ser um fenômeno comumente analisado em termos do resultado de operações no domínio de CP, impõe o seguinte desafio, como bem sintetizado por Poletto (2002, p. 2):

If the CP layer has to be conceived as a number of distinct functional projections, each hosting a different type of element and checking distinct semantic features, the traditional account of the linear restriction in terms of V to C movement is no longer valid and we need to reformulate it in the new perspective¹⁴.

Uma forma interessante de solucionar esse desafio é desenvolvida por Roberts (2004). O autor argumenta que, em línguas V2, Fin⁰ deve apresentar uma realização lexical ou via movimento ou via operação de concatenação (*Merge*). Em orações matrizes, o constituinte verbal seria o responsável por satisfazer esse requerimento, ao passo que, em orações subordinadas, tal função ficaria a

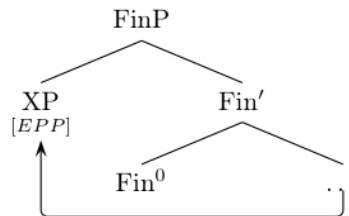
¹² Vários estudos propõem um refinamento das projeções de tópico e foco na periferia da sentença, em particular no que diz respeito à ordem linear entre esses elementos. Benincà e Poletto (2004) e Benincà (2006), por exemplo, defendem que a categoria de foco não se encontra interpolada por projeções de tópico, como inicialmente articulado em Rizzi. Essas autoras mostram, entre outras evidências, que um sintagma com a função discursiva de foco, enquanto operador, deve ser derivado mediante movimento A-barra. Tópicos, por sua vez, seriam inseridos diretamente na posição onde se encontram. Dentro desse quadro, se um tópico é concatenado antes de o foco ser movido, haveria problemas de minimalidade relativizada, já que o foco estaria cruzando o tópico. Assim, tópicos devem necessariamente preceder um foco. Para os propósitos da nossa discussão sobre a derivação da ordem V2 no PCl, a proposta inicial de Rizzi é suficiente.

¹³ Ver Mohr (2004) para argumentos de que línguas V2, em particular as do tronco germânico, apresentam um sistema CP cindido. Para contra-argumentos a esse tipo de proposta, ver Abraham (1997).

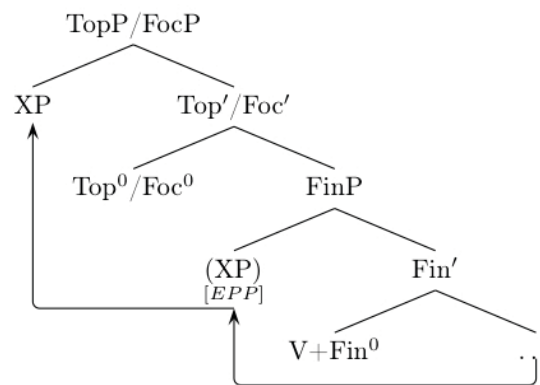
¹⁴ “Se a camada CP tiver que ser concebida como um número de diferentes projeções funcionais, cada uma delas hospedando um diferente tipo de elemento e checando traços semânticos distintos, a explicação tradicional da restrição linear em termos de movimento de V para C não é mais válida, de modo que precisamos reformulá-la dentro da nova perspectiva.” (tradução nossa).

cargo do complementizador, que seria concatenado diretamente em Fin^0 .¹⁵ Quanto à necessidade de que o verbo seja o segundo constituinte em orações matrizes, tal requisito decorreria de uma outra propriedade de Fin^0 , a saber, a presença de um traço EPP nesse núcleo. Por EPP, Roberts entende o requerimento codificado em um constituinte X^0 determinando que o seu especificador seja preenchido por um XP apropriado. Assim, por conta do EPP, Fin^0 forçaria o fronteamento de algum sintagma para $[\text{Spec}, \text{FinP}]$.¹⁶ Se o XP fronteado não apresenta um traço de tópico ou foco, sua posição final será em $[\text{Spec}, \text{FinP}]$ (cf. (19)). Caso apresente, o movimento para TopP ou FocP ocorrerá através de $[\text{Spec}, \text{FinP}]$, já que o EPP de Fin^0 deve ser checado (cf. (20)).

(19)



(20)

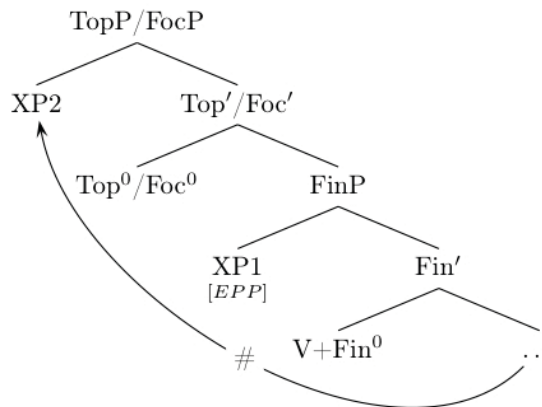


Restaria explicar por que não é possível mais de um constituinte em posição pré-verbal, embora, teoricamente, outros especificadores acima de $[\text{Spec}, \text{FinP}]$ possam estar disponíveis para o fronteamento de sintagmas (cf. (13)). Como o movimento de um sintagma para $[\text{Spec}, \text{FinP}]$ em línguas V2 estritas é motivado apenas pelo traço EPP de Fin^0 , Roberts propõe que o elemento XP movido não é de nenhum tipo particular na tipologia de potenciais barreiras, o que o tornaria capaz de bloquear o alçamento de qualquer outro XP para especificadores mais acima na estrutura oracional, como esquematizado em (21).

¹⁵ Isso explicaria, por exemplo, a assimetria matriz/subordinada no que diz respeito à questão de movimento do verbo para a periferia da oração, um fato atestado em línguas como o alemão. Com relação à assunção de que o complementizador é gerado em Fin^0 , o que impediria o movimento de V para o sistema CP em orações subordinadas, isso se sustenta por conta do fato de que, entre outras coisas, o complementizador também é responsável por marcar a finitude da sentença. Para línguas V2 simétricas, poderíamos pensar que o complementizador é gerado diretamente em Force^0 , de modo que o verbo seria capaz de movimentar-se para Fin^0 tanto em sentenças matrizes quanto em estruturas subordinadas.

¹⁶ A hipótese de que, em línguas V2, o movimento obrigatório de um XP para o sistema CP é uma consequência do EPP é uma ideia proposta também em Chomsky (2000, 2001), Haegeman (1996), Laenzlinger (1998), Roberts (1993) e Roberts & Roussou (2002).

(21)



Em suma, poderíamos dizer que, dentro dessa perspectiva, a agramaticalidade de sentenças com mais de dois sintagmas em posição pré-verbal deriva do fato de que, uma vez movido um XP para (ou através de) [Spec,FinP] a fim de satisfazer o traço EPP, isso bloquearia o movimento de um outro sintagma para qualquer outro especificador acima de [Spec,FinP] que venha a estar disponível.¹⁷

4 UM NOVO OLHAR SOBRE O PCL

Como visto na seção 2, os dados do PCL que analisamos mostram que, na gramática desse período do português, tem-se movimento sistemático do verbo para a periferia da sentença, à semelhança de línguas V2. Porém, ao contrário destas, vimos que a restrição linear determinando que o verbo esteja na segunda posição por vezes não é obedecida, ou por conta de sentenças com verbo em primeira posição absoluta ou por conta de orações que licenciam mais de um constituinte em posição pré-verbal.

Aqui, gostaríamos de propor que, no PCL, há o mesmo tipo de requerimento observado em línguas V2 determinando que o núcleo Fin^0 apresente uma realização lexical ou via movimento ou via uma operação de concatenação. Nas orações matrizes do PCL, tal como em holandês ou alemão, por exemplo, o verbo finito seria o responsável por satisfazer esse requerimento. Isso explicaria por que o PCL se assemelha a uma gramática V2 no que diz respeito à sintaxe de posição do verbo. Porém, ao contrário de um sistema no qual se observa a restrição V2 de forma estrita, nossa proposta é a de que, na gramática do PCL, o núcleo Fin^0 não viria especificado com um traço EPP forçando o deslocamento de um XP para [Spec,FinP]. Esta hipótese é uma extensão da ideia já defendida na literatura de que, trans-linguisticamente, nem todas as línguas apresentam um traço EPP em T^0 determinando que [Spec,TP] seja preenchido por um XP, ou via alçamento do sujeito ou via inserção de um expletivo (cf. BOBALJIK; WURMBRAND, 2005; WURMBRAND, 2006; ROUVERET, 2010). Por exemplo, o inglês pode ser considerado uma típica língua com um traço EPP em T^0 , já que, quando não há um sujeito que possa se mover para [Spec,TP], necessariamente se tem um expletivo visível ocupando tal posição.

- (22) a. John hit Bill.
John bateu Bill.

¹⁷ Uma análise alternativa é a de Pinto (2011), que defende movimento do verbo para Force^0 em línguas V2 assimétricas e movimento do verbo para Fin^0 em línguas V2 simétricas. Um problema dessa proposta é a impossibilidade de explicar construções V2 com pronome-D, como se observa em alemão, uma típica língua V2 assimétrica (ROBERTS, 2004, p. 317):

- (i) [Den Mann], [den] **habe** ich gesehen.
o homem ele tenho eu visto
'O homem, eu vi ele.'

Se o elemento imediatamente pré-verbal ocupa [Spec,ForceP], como propõe Pinto, a sentença em (i) deveria ser agramatical, já que, em tese, não há nenhuma posição de especificador mais acima que possa abrigar o sintagma *Den Mann*. Na análise de Roberts esse tipo de dado não oferece dificuldades, já que poderíamos pensar que o constituinte em primeira posição é uma espécie de tópico concatenado diretamente na periferia da sentença. Nessa configuração, uma vez que não houve movimento por sobre o pronome que satisfaz o traço EPP de Fin^0 , deriva-se satisfatoriamente a gramaticalidade da construção.

- b. It rains.
EXPL chove

O islandês, embora seja uma língua germânica como o inglês, apresenta um comportamento distinto quanto ao requerimento de que haja um XP em [Spec,TP]. Consideremos o exemplo (23), apresentado por Wurmbrand (2006).

- (23) Þá hōð komið gestir í heimsókn.
então tem vindo convidados-NOM para uma-visita
'Então, candidatos vieram para uma visita.'

Em (23) acima, por haver um DP nominativo seguindo o verbo não-finito, é plausível pensar que tal DP não se move para [Spec,TP]; ao contrário, ele permaneceria em sua posição interna dentro do domínio de VP. Caso se assuma que o EPP é um traço universal de T⁰, precisaríamos nos perguntar como ele teria sido satisfeito no exemplo em questão do islandês, dada a ausência de material foneticamente visível em [Spec,TP]. Uma possibilidade seria argumentando que [Spec,TP] é preenchido por um *pro* expletivo. Essa explicação, contudo, soa um tanto especulativa por ao menos uma razão: em islandês existem contextos sintáticos nos quais um expletivo visível é realizado. Por exemplo, é perfeitamente possível, em orações declarativas matrizes, a presença do expletivo *það* em posição pré-verbal, presumivelmente em [Spec,FinP], dada a natureza V2 do islandês.

- (24) Það hafa verið nokkrir kettir í eldhúsinu.
EXPL tem sido alguns gatos em cozinha-a
'Têm aparecido alguns gatos na cozinha.'

Por conta do exemplo (24), a questão que naturalmente se coloca é a seguinte: uma vez que o islandês licencia, em certas configurações estruturais, um expletivo foneticamente realizado, o que motivaria a presença de um *pro* expletivo na sentença (23)? Na realidade, o mais natural seria esperar que um expletivo visível também fosse possível em [Spec,TP], e não um *pro* expletivo. Entretanto, em posição pós-verbo finito, o expletivo *það* é agramatical, como confirma o exemplo (25).

- (25) Í dag hafa (*það) verið nokkrir kettir í eldhúsinu
hoje tem (*EXPL) sido alguns gatos em cozinha-a
'Hoje, têm aparecido alguns gatos na cozinha.'

Em decorrência disso, uma análise alternativa seria argumentar que, em islandês, o especificador de T⁰ não é sequer projetado, o que nos permitiria concluir que, nesta língua em particular, o núcleo de TP não vem especificado com o traço EPP.¹⁸ Com isso, teríamos um argumento para defender a ideia de que nem todas as línguas apresentam um traço EPP em T⁰ determinando que [Spec,TP] seja projetado e ocupado por um XP.

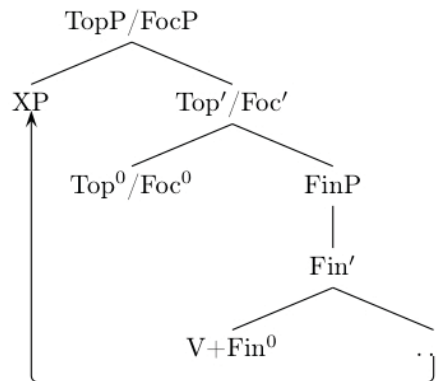
Se, de fato, existe variação trans-linguística quanto à presença do traço EPP no núcleo funcional T⁰, como acabamos de apresentar, é natural pensar que, trans-linguisticamente, exista o mesmo tipo de variação em outros núcleos funcionais teoricamente habilitados para virem marcados com um traço EPP. Pensando especificamente nas questões que nos interessam neste trabalho, poderíamos pensar que certas línguas apresentam um traço EPP em Fin⁰, como seria o caso do alemão ou do holandês, o que resultaria em frenteamento obrigatório de um XP para [Spec,FinP] (ou simplesmente inserção de um XP), ao passo que outras línguas não teriam o núcleo Fin⁰ especificado com tal traço, tornando desnecessário, dessa forma, que [Spec,FinP] seja projetado e ocupado por um sintagma deslocado. Nossa hipótese é a de que o PCL se enquadraria nessa segunda categoria de línguas.

Os efeitos dessa proposta para a gramática do período clássico do Português são bastante interessantes. Considerando

¹⁸ Assumindo-se que realmente não há nenhum *pro* expletivo no islandês, a única forma de manter a hipótese de que T⁰ também é especificado com o traço EPP nessa língua seria seguindo a ideia de Alexiadou e Anagnostopoulou (1998) para línguas de sujeito nulo como o italiano e o espanhol. Isto é, poderia ser defendido que, nos exemplos apresentados do islandês, é o verbo finito quem checaria o traço EPP de T⁰. Entretanto, visto que o islandês não apresenta as mesmas propriedades das línguas de sujeito nulo discutidas por Alexiadou e Anagnostopoulou, uma análise nessa direção careceria de fundamentação empírica.

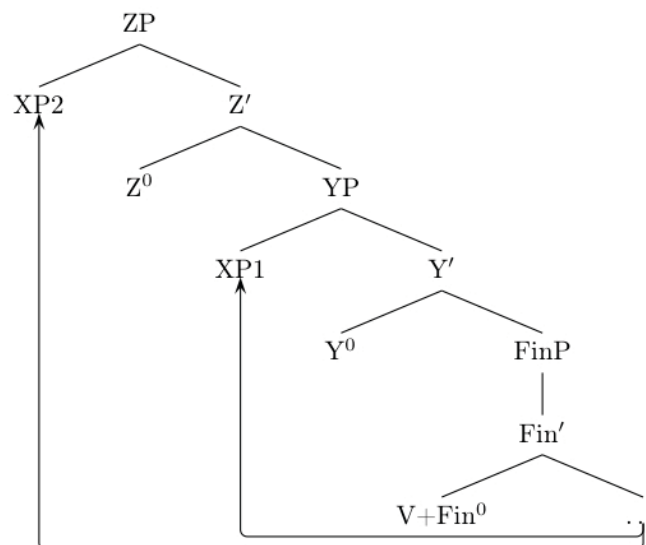
inicialmente as orações com ordem linear V2, a ideia básica é a de que o XP pré-verbal ocuparia um especificador acima de FinP – ou o especificador de uma categoria TopP ou o especificador de FocP, a depender do traço discursivo motivando o seu alçamento para a periferia da sentença. Tal XP se deslocaria sem passar antes por [Spec,FinP], dada a ausência do traço EPP em Fin⁰. Em (26), apresentamos novamente o exemplo (5e), uma sentença linear V2 do PCl seguida agora da representação estrutural que estamos propondo.

- (26) a. [O fim da minha jornada] **verá** Vossa Excelência
b.



Com relação às orações V3, os constituintes pré-verbais também ocupariam posições acima do domínio de FinP. O fato de não haver um traço EPP em Fin⁰ possibilitaria o fronteamento de múltiplos constituintes (respeitadas as devidas restrições de minimalidade relativizada), já que nenhum sintagma precisaria se deslocar para [Spec,FinP] e, conseqüentemente, bloquear o alçamento de outros elementos, como de fato ocorre em línguas V2 rígidas. Em (27), apresentamos a estrutura de uma sentença V3 dentro dessa proposta:

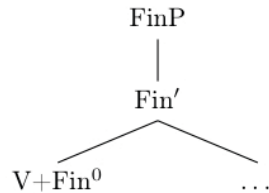
- (27) a. [_{XP2} Em fim], [_{XP1} como quer que seja], **ficou** Hahelan conquistando tôda a Pérsia, Arabia, Suria, Palestina, e outras Províncias,
b.



Quanto às sequências V1, elas seriam derivadas sempre que houvesse a ausência de um traço de tópico ou foco determinando o fronteamento de algum XP para os especificadores relevantes acima de FinP. Nesse tipo específico de construção, o único

requerimento especificado na periferia à esquerda da sentença seria aquele forçando a realização lexical de Fin⁰. A não-obrigatoriedade de um XP pré-verbal decorreria, como facilmente se percebe, da ausência de um traço EPP no núcleo de FinP, como esquematizado em (28b).

- (28) a. **Tinha** ele conquistado naquela Quaresma principalmente as almas dos Portugueses
b.



Essa análise que propusemos para o PCl prevê que a ordem de palavras com sujeito pós-verbal seja a sequência padrão nessa língua, já que não haveria nenhuma exigência de natureza pragmático-discursiva forçando o deslocamento de sintagmas para a periferia da oração. Dizemos isso pois, se de fato, o verbo finito sobe sistematicamente para Fin⁰, ao passo que o sujeito, a não ser que venha especificado com um traço de tópico ou foco (isto é, uma opção marcada), é alçado no máximo até [Spec,TP], é plausível pensar que a ordem VS seja derivada com mais frequência, dado que, em orações nas quais o sujeito não necessite subir para TopP ou FocP, o verbo estará hierarquicamente acima do sujeito. De fato, a ordem de palavras mais empregada é a sequência VS, como confirma a tabela 1.

	N	%
S-V	147	37,60
V-S	244	62,40
Total	391	100,00

Tabela 1: Sujeitos pré e pós-verbais em orações matrizes com verbos transitivos - PCl

Fonte: elaboração própria

Como se vê na tabela 1, o PCl manifesta uma nítida preferência pela ordem de palavras com sujeito pós-verbal. Esse tipo de resultado quantitativo corrobora a previsão de nossa análise de que a ordem de palavras padrão no PCl é aquela com sujeito posposto ao verbo finito.

5 UM OLHAR PARA O ÁRABE

Nesta seção, gostaríamos de fazer algumas considerações a respeito do árabe, mostrando como essa língua, à semelhança do PCl, também pode ser caracterizada como manifestando tanto movimento de V para o sistema CP em orações matrizes como a ausência do típico efeito de bloqueio de um traço EPP. Começemos essa discussão apresentando algumas evidências a favor da hipótese de movimento generalizado do verbo para a periferia da oração em sentenças matrizes do árabe. Uma das evidências é apresentada por Benmamoun (1999) a partir de construções existenciais. Como em inglês, construções desse tipo em árabe envolvem um expletivo locativo equivalente a *there* e um NP marcado com Caso nominativo.

- (29) kaana hunaaka Taalib-un fii l-fiadiiqati
foi EXPL estudante-NOM em o-jardim
'Tinha um estudante no jardim.'

Um fato interessante a respeito dessas construções é que o expletivo aparece necessariamente à direita do verbo auxiliar. Isso pode ser observado comparando-se o dado (29) acima com o exemplo (30) a seguir.

- (30) *hunaaka kaana Taalib-un fii l-fadiiqati
EXPL foi estudante-NOM em o-jardim

Benmamoun assume que, em construções existenciais, o expletivo se encontra em [Spec,IP],¹⁹ ao passo que o NP marcado com Caso nominativo ocupa o especificador da projeção lexical, tal como em inglês. Em vista disso, o autor argumenta que, pelo fato de se ter o verbo finito sempre precedendo o expletivo, é necessário assumir, conseqüentemente, que o verbo tenha sido alçado para a periferia da sentença.

Outro argumento que parece favorecer a hipótese de movimento do verbo para o sistema CP em orações matrizes vem de uma comparação com a ordem de palavras em orações encaixadas. Nas matrizes, a ordem VS é perfeitamente aceitável, como comprova o exemplo (31) (SHLONSKY, 1997, p. 7).

- (31) katabat Mona risaalatan.
escreveu Mona carta
'Mona escreveu uma carta.'

Em orações encaixadas introduzidas pelo complementizador *ʔanna*, por outro lado, a ordem VS é agramatical (32a), ao passo que a ordem SV é gramatical (32b) (MOHAMMAD, 2000, p 18-19).

- (32) a. *hasiba ʔahmadu ʔanna ʔakala ʔaliyyan attuffāhata.
achou Ahmed que comeu Ali a-maçã
'Ahmed achou que Ali comeu a maçã.'
b. hasiba ʔahmadu ʔanna ʔaliyyan ʔakala attuffāhata.

O mesmo pode ser dito a respeito das orações encaixadas introduzidas pelo complementizador *ʔinna*, que também não admite a posposição do sujeito (33a), mas sim a ordem SV (33b) (MOHAMMAD, 2000, p. 18-19).²⁰

- (33) a. *qāla ʔahmadu ʔinna ʔakala ʔaliyyan attuffāhata
disse Ahmed que comeu Ali a-maçã
'Ahmed disse que Ali comeu a maçã.'
b. qāla ʔahmadu ʔinna ʔaliyyan ʔakala attuffāhata

Essa assimetria entre orações matrizes e orações encaixadas é esperada caso se adote uma análise que postule movimento do verbo para o sistema CP. Nas matrizes, tal movimento produziria a inversão verbo-sujeito que se atesta em (31). Já nas orações encaixadas, em razão da presença do complementizador na periferia da sentença, o alçamento do verbo para o sistema CP é bloqueado, tornando dessa forma impossível a ordem VS, como comprovam (32a) e (33a).

A partir dessas evidências a favor da hipótese de movimento de V para a periferia da sentença, poderíamos dizer que, à semelhança das línguas V2, o árabe também apresenta, em orações matrizes, alçamento do verbo finito para Fin⁰, o núcleo mais baixo da periferia cartográfica que assumimos neste trabalho. Entretanto, embora se assemelhe às línguas V2 rígidas no que diz respeito à sintaxe de posição do verbo, o árabe se diferenciaria de uma língua como o alemão por não manifestar a restrição de ordem linear determinando que o verbo apareça obrigatoriamente em segunda posição numa sentença matriz. De fato, embora seja possível o licenciamento de orações com ordem linear V2 (cf. (34)), o árabe também admite tanto sequências com mais de um constituinte

¹⁹ Em uma terminologia minimalista, essa posição corresponderia a [Spec,TP].

²⁰ A escolha entre um ou outro complementizador é determinada pelo verbo da oração matriz.

em posição pré-verbal (cf. 35)) quanto sequências com o verbo em primeira posição absoluta (cf. (31)) (AOUN; BENMAMOUN, 1998, p. 572 e 584).

(34) Naadya **jeef** Kariim mbeerih.
Nadia viu Karim ontem
'Nadia, Karim viu ontem.'

(35) Nəkte Naadya **χabbaruw-a**.
piada Nadia disseram-lhe
'Uma piada, para a Nadia, eles disseram para ela.'

Por apresentar sequências de palavras que não se encaixam necessariamente dentro de um paradigma V2, parece-nos que poderíamos estender para o árabe a mesma proposta que defendemos para o PCl. Especificamente, poderíamos levantar a hipótese de que, à semelhança da gramática do período clássico do português, o árabe se diferenciaria de uma língua V2 apenas quanto à especificação do traço EPP em Fin⁰. Em outras palavras, o árabe e o alemão, por exemplo, seriam semelhantes no que diz respeito à restrição determinando o alicamento de V para Fin⁰ em orações matrizes. Porém, ao contrário do alemão, o árabe não apresentaria o núcleo Fin⁰ especificado com um traço EPP. Ante a ideia de que o EPP de Fin⁰ atrai apenas um XP para [Spec,FinP], bloqueando o movimento de outros sintagmas para especificadores acima de FinP, o fato de o árabe não apresentar o traço EPP em Fin⁰ permitiria o licenciamento de um ou mais XP's em posição pré-verbal, já que qualquer movimento para especificadores acima de FinP não seria uma operação bloqueada. Isto derivaria satisfatoriamente as orações com ordem linear V2 ou V3. Não sendo necessário focalizar ou topicalizar algum constituinte, seria derivada a ordem V1. De fato, como já apontado na literatura, a ordem não-marcada em árabe é justamente aquela com verbo em posição inicial (SHLONSKY, 1997).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, analisamos o PCl discutindo em que aspectos ele se aproxima de uma língua V2 e em que aspectos existem diferenças. Pudemos ver que a gramática desse período do português se aproxima de uma gramática V2 por manifestar movimento do verbo para a periferia da sentença em orações matrizes. A grande diferença estaria relacionada à ausência da restrição determinando que o verbo ocorra obrigatoriamente em segunda posição, já que, no PCl, são licenciadas não apenas sequências lineares V2, mas também sequências V1 e V3. Assumindo a proposta de um sistema CP cindido e a ideia de que o EPP é o traço responsável tanto pelo alicamento do XP pré-verbal para a periferia da oração bem como por bloquear o deslocamento de mais de um sintagma, propusemos aqui que o PCl não viria especificado com esse traço no núcleo Fin, o que permitiria a derivação das diversas ordens de palavras atestadas nessa gramática. Trans-linguisticamente, vimos que essa proposta encontra suporte numa língua como o árabe.

É claro que algumas questões permanecem por responder. Por exemplo, o que motivaria uma língua a ter ou não ter a especificação de um traço EPP em determinado núcleo? Em outras palavras, por que o alemão e o holandês teriam o núcleo Fin⁰ especificado com esse traço, ao passo que o PCl, e possivelmente o árabe, não teriam tal especificação em Fin⁰? No âmbito deste trabalho, não tentaremos responder a essas perguntas, já que nos parece que, para uma formulação que responda satisfatoriamente a esse tipo de indagações, precisaríamos nos debruçar sobre a relevância em si para o sistema computacional de algo como o EPP. Deixamos essas e outras questões para trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, W. The base structure of the German clause under discourse functional weight: contentful functional categories vs. derivative ones. In: ABRAHAM, W.; VAN GELDEREN, E. *German: syntactic problems – problematic syntax*. Tübingen: M. Niemeyer Verlag, 1997. p. 11-42.
- ADAMS, M. *Old French, null subjects, and verb second phenomena*. 1987. 248 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Los Angeles, 1987.
- ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, H. Parameterizing AGR: word order, V-movement and EPP checking. *Natural Language and Linguistic Theory*, Berlin, v. 16, n. 3, p. 491-539, 1998.
- ANTONELLI, A. *Sintaxe da posição do verbo e mudança gramatical na história do português europeu*. 2011. 230 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- AOUN, J.; BENMAMOUN, E. Minimality, reconstruction, and PF movement. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass., 29, n. 4, p. 569-597, 1998.
- BELLETTI, A. “Inversion” as focalization. In: HULK, A. C. J.; POLLOCK, J.-Y. *Subject inversion in Romance and the theory of Universal Grammar*. New York: Oxford University Press, 2001. p. 60-90.
- BENINCÀ, P. A detailed map of the left periphery of Medieval Romance. In: ZANUTTINI, R.; CAMPOS, H.; HERBURGER, E.; PARTNER, P. *Crosslinguistic research in syntax and semantics: negation, tense, and clausal architecture*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2006. p. 53-86.
- BENINCÀ, P.; POLETTI, C. Topic, focus, and V2. In: RIZZI, L. *The structure of CP and IP*. New York: Oxford University Press, 2004. p. 52-75
- BENMAMOUN, E. Spec-head agreement and overt case in Arabic. In: ADGER, D. *et al. Specifiers: minimalist approaches*. Oxford: Oxford U. Press, 1999. p. 110-125.
- BOBALJIK, J.; WURMBRAND, S. The domain of agreement. *Natural Language and Linguistic Theory*, Berlin, v. 23, n. 4, p. 809-865, 2005.
- CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: the framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. *Step by step: essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2000. p. 89-155.
- CHOMSKY, N. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael. *Ken Hale: a life in language*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2001. p. 1-52.
- DEN BESTEN, H. On the interaction of root transformations and lexical deletive rules. In: ABRAHAM, W. *On the formal syntax of the West Germanic*. Amsterdam: John Benjamins, 1983. p. 47-131.
- DIESING, M. Verb movement and the subject position in Yiddish. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 8, n. 1, p. 41-79, 1990.

- FONTANA, J. *Phrase structure and the syntax of clitics in the history of Spanish*. 1993. 312 f. Tese (Doutorado em Linguística), University of Pennsylvania, Philadelphia, 1993.
- GALVES, C.; ANDRADE, A.; FARIA, P. *Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2017. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/psd.zip>. Acesso em: 26 janeiro 2021.
- GALVES, C.; NAMIUTI, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: ENDRUSCHAT, A.; KEMMLER, R.; SCHAFER-PRIEF, B. *Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch*. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006. p. 45-74.
- HAEGEMAN, L. Verb second, the split CP and null subjects in Early Dutch finite clauses. *GenGenP*, v. 4, n. 2, p. 133-175, 1996.
- LAENZLINGER, C. *Comparative studies in word order variation*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.
- MCCLOSKEY, J. On the scope of verb movement in Irish. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 14, n. 1, p. 47-104, 1996.
- MIOTO, C. Sobre o sistema CP no português brasileiro. *Revista Letras*, n. 56, p. 97-139, jul./dez. 2001.
- MOHAMMAD, M. A. *Word order, agreement, and pronominalization in Standard and Palestinian Arabic*. Philadelphia: John Benjamins, 2000.
- MOHR, S. *Clausal architecture and subject positions: impersonal constructions in the germanic languages*. 2004. 199 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universität Stuttgart, Stuttgart, 2004.
- PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *Língua barroca: sintaxe e história do português nos 1600*. 2004. 367 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- PESETSKY, D.; TORREGO, E. T-to-C movement: causes and consequences. In: KENSTOWICZ, Michael. *Ken Hale. a life in language*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2001. p. 355-426.
- PINTO, C. F. *Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2 na história do espanhol*. 2011. 309 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- POLETTI, C. The left periphery of V2-Rhaetoromance dialects: a new view on V2 and V3. In: BARBIERS, S.; CORNIPS, L.; VAN DER KLEIJ, S. *Syntactic microvariation*. Amsterdam: Meertens Institute, 2002. Disponível em: <http://www.meertens.knaw.nl/books/synmic>. Acesso em: 17 maio 2019.
- RIBEIRO, I. *A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*. 1995. 286 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- RINKE, E. Verb placement in Old Portuguese. In: DUFTER, A.; JACOB, D. *Focus and background in Romance Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009. p. 309-332.
- RIZZI, L. Residual verb second and the *Wh*-criterion. In: BELLETTI, A.; RIZZI, L. *Parameters and functional heads*. New York: Oxford University Press, 1996. p. 63-90.
- RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. *Elements of grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

RIZZI, L.; ROBERTS, I. Complex inversion in French. *In: BELLETTI, A.; RIZZI, L. Parameters and functional heads.* New York: Oxford University Press, 1996. p. 91-116.

ROBERTS, I. *Verbs and diachronic syntax.* Dordrecht: Kluwer, 1993.

ROBERTS, I. The C-system in Brytonic Celtic languages, V2, and the EPP. *In: RIZZI, L. The structure of CP and IP.* New York: Oxford University Press, 2004. p. 297-328.

ROBERTS, I.; ROUSSOU, A. The extended projection principle as a condition on the tense dependency. *In: SVENONIUS, P. Subjects, expletives, and the EPP.* New York: Oxford University Press, 2002. p. 125-155.

ROUVERET, A. On verb-subject languages. *Lingua*, v. 120, n. 2, p. 232-263, 2010.

SALVI, G. The two sentence structures of Early Romance. *In: CINQUE, G.; SALVI, G. Current studies in Italian syntax: essays offered to Lorenzo Renzi.* Amsterdam: Elsevier, 2001. p. 297-312.

SANTORINI, B. Two types of verb second in the history of Yiddish. *In: BATTYE, A; ROBERTS, I. Clause structure and language change.* New York: Oxford University Press, 1995. p. 53-79.

SCHWARTZ, B.; VIKNER, S. The verb always leaves IP in V2 clauses. *In: BELLETTI, A.; RIZZI, L. Parameters and functional heads.* New York: Oxford University Press, 1996. p. 11-62.

SHLONSKY, U. *Clause structure and word order in Hebrew and Arabic.* New York: Oxford University Press, 1997.

WURMBRAND, S. Licensing case. *Journal of Germanic Languages*, v. 18, n. 3, p. 175-236, 2006.



Recebido em 17/05/2019. Aceito em 15/04/2020.